

5. A Santíssima Trindade

É o mistério central da fé e da vida cristã. Os cristãos são batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

05/01/2015

1. A revelação do Deus uno e trino
2. Deus em sua vida íntima
3. Nossa vida em Deus

1. A revelação do Deus uno e trino

“O mistério central da fé e da vida cristã é o mistério da Santíssima Trindade. Os cristãos são batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (*Compêndio*, 44). Toda a vida de Jesus é revelação de Deus Uno e Trino: na anunciação, no nascimento, no episódio de sua perda e encontro no Templo quando tinha doze anos, em sua morte e ressurreição, Jesus se revela como Filho de Deus de uma forma nova em relação à filiação conhecida por Israel. No início de sua vida pública, também no momento de seu batismo, o próprio Pai testemunha ao mundo que Cristo é o Filho Amado (cf. *Mt* 3, 13-17 e par.) e o Espírito desce sobre Ele em forma de pomba. A esta primeira revelação explícita da Trindade corresponde à manifestação paralela na Transfiguração, que introduz o mistério Pascal (cf. *Mt* 17, 1- 5 e par.).

Finalmente, ao despedir-se de seus discípulos, Jesus os envia a batizar em nome das três Pessoas divinas, para que seja comunicada a todo o mundo a vida eterna do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. *Mt* 28, 19).

No Antigo Testamento, Deus havia revelado sua unicidade e seu amor para com o povo eleito: Javé era como um Pai. Mas depois de haver falado muitas vezes por meio dos profetas, Deus falou por meio de seu Filho (cf. *Hb* 1, 1-2), revelando que Javé não é apenas *como* um Pai, mas que *é* Pai (cf. *Compêndio*, 46). Jesus se dirige a Ele em sua oração com o termo aramaico *Abba*, usado pelos meninos israelitas para se dirigirem ao próprio pai (cf. *Mc* 14, 36), e distingue sempre sua filiação da filiação dos discípulos. Isto é tão chocante que se pode dizer que a verdadeira razão da crucificação é justamente o chamar-se a si mesmo Filho de Deus em sentido único.

Trata-se de uma revelação definitiva e imediata[1], porque Deus se revela com a sua Palavra: não podemos esperar outra revelação, porquanto Cristo é Deus (cf., por ex., *Jo* 20, 17) que se nos dá, inserindo-nos na vida que emana do regaço do seu Pai.

Em Cristo, Deus abre e entrega a sua intimidade, que seria inacessível ao homem apenas pelas suas próprias forças[2]. Esta mesma revelação é um ato de amor, porque o Deus pessoal do Antigo Testamento abre livremente o seu coração e o Unigênito do Pai sai ao nosso encontro, para fazer-se uma só coisa conosco e levar-nos de volta ao Pai (cf. *Jo* 1, 18). Trata-se de algo que a filosofia não podia adivinhar, pois, fundamentalmente, só se pode conhecer mediante a fé.

2. Deus em sua vida íntima

Deus não só possui uma vida íntima, mas Deus é – identifica-se – com a

sua vida íntima, uma vida caracterizada por eternas relações vitais de conhecimento e de amor, que nos levam a expressar o mistério da divindade em termos de *processões*.

De fato, os nomes revelados das três Pessoas divinas exigem que se pense em Deus como o proceder eterno do Filho do Pai e, na mútua relação – também eterna – do Amor que “procede do Pai” (Jo 15, 26) e “recebe do Filho” (Jo 16,14), que é o Espírito Santo. A Revelação nos fala, assim, de duas processões em Deus: a geração do Verbo (cf. Jo 17.6) e a processão do Espírito Santo. Com a característica peculiar de que ambas são relações imanentes, porque estão em Deus: mais, são o próprio Deus, uma vez que Deus é Pessoal; quando falamos de processão, pensamos ordinariamente em algo que sai de outro e implica mudança e movimento. Posto que o homem foi

criado à imagem e semelhança de Deus Uno e Trino (cf. *Gn* 1, 26-27), a melhor analogia com as processões divinas pode ser encontrada no espírito humano, em que o conhecimento que temos de nós mesmos não sai para fora: o conceito (a ideia) que fazemos de nós mesmos é distinta de nós mesmos, mas não está fora de nós. O mesmo podemos dizer do amor que temos para conosco. De forma parecida, em Deus, o Filho procede do Pai e é a sua Imagem, analogamente como o conceito é imagem da realidade conhecida. Só que esta imagem em Deus é tão perfeita que é o próprio Deus, com toda sua infinidade, sua eternidade, sua onipotência: o Filho é uma só coisa com o Pai, o mesmo Algo, essa é a única e indivisa natureza divina, ainda que sendo outro Alguém. O Símbolo Niceno-Constantinopolitano o expressa com a fórmula “Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus

verdadeiro”. O fato é que o Pai gera o Filho, doando-se a Ele, entregando-Lhe a Sua substância e a Sua natureza; não em parte como acontece com a geração humana, mas perfeita e infinitamente.

O mesmo pode ser dito sobre o Espírito Santo, que procede como o Amor do Pai e do Filho. Procede de ambos, porque é o dom eterno e incriado que o Pai entrega ao Filho, gerando-o, e que o Filho devolve ao Pai como resposta a Seu Amor. Este dom é dom de si, porque o Pai gera o Filho comunicando-lhe total e perfeitamente o seu próprio Ser mediante o seu Espírito. A terceira Pessoa é, portanto, o Amor mútuo entre o Pai e o Filho[3]. O nome técnico desta segunda processão é *espiração*. Seguindo a analogia do conhecimento e do amor, pode-se dizer que o Espírito age como a vontade que se move em direção ao Bem conhecido.

Estas duas processões chamam-se *imanentes*, e se diferenciam radicalmente da criação, que é *transeunte*, no sentido de que é algo que Deus realiza fora de si. Ao serem processões, explicam a distinção dentro de Deus, enquanto que, ao serem imanentes, explicam a unidade. Por isso, o mistério do Deus Uno e Trino não pode ser reduzido a uma unidade sem distinções, como se as três Pessoas fossem apenas três máscaras; ou a três seres sem unidade perfeita, como se se tratasse de três deuses distintos, ainda que juntos.

As duas processões são o fundamento das distintas relações que em Deus se identificam com as Pessoas divinas: o ser Pai, o ser Filho e o ser espirado por Eles. De fato, como não é possível ser pai e ser filho da mesma pessoa, no mesmo sentido, assim, não é possível ser, ao mesmo tempo, a Pessoa que procede

pela espiração e as duas Pessoas das quais procede. Convém esclarecer que, no mundo criado, as relações são acidentes, no sentido de que suas relações não se identificam com seu ser, ainda que o caracterizem profundamente, como no caso da filiação. Em Deus, posto que nas processões é doada toda a substância divina, as relações são eternas e se identificam com a própria substância.

Estas três relações eternas não só caracterizam, mas também se identificam com as três Pessoas divinas, posto que pensar no Pai significa pensar no Filho; e pensar no Espírito Santo, significa pensar naqueles em relação aos quais Ele é Espírito. Assim, as três Pessoas divinas são três Alguém, mas um único Deus. Não como se dá entre os homens que participam da mesma natureza humana, sem esgotá-la. As três Pessoas são cada uma toda a

Divindade, identificando-se com a única Natureza de Deus[4]: as Pessoas são Uma na Outra. Por isso, Jesus disse a Filipe que quem O viu, viu o Pai (cf. *Jo* 14, 6), posto que Ele e o Pai são uma só coisa (cf. *Jo* 10, 30 e 17, 21). Esta dinâmica, que se chama tecnicamente *pericoreis* ou *circumincessão* (dois termos que fazem referência a um movimento dinâmico em que um se intercambia com o outro como em uma dança em círculo), ajuda a perceber que o mistério de Deus Uno e Trino é o mistério do Amor: “Ele mesmo é eternamente intercâmbio de amor: Pai, Filho e Espírito Santo, e destinou-nos a participar deste intercâmbio” (*Catecismo*, 221).

3. Nossa vida em Deus

Sendo Deus eterna comunicação de Amor, é compreensível que esse Amor se extravase fora d'Ele em seu agir. Toda a ação de Deus na história

é obra conjunta das três Pessoas, posto que se distinguem somente no interior de Deus. Não obstante, cada uma imprime nas ações divinas *ad extra* sua característica pessoal[5]. Usando uma imagem, poderíamos dizer que a ação divina é sempre única, como o presente que recebemos de uma família amiga, que é fruto de um só ato; mas, para quem conhece as pessoas que constituem a família, é possível reconhecer a mão ou a intervenção de cada uma, pela marca pessoal deixada por cada um no único presente.

Este reconhecimento é possível porque conhecemos as Pessoas divinas naquilo que as distingue pessoalmente, mediante as suas missões, quando Deus Pai enviou, juntamente o Filho e o Espírito Santo, na história (cf. *Jo* 3, 16-17 e 14-26), para que se fizessem presentes entre os homens: “são sobretudo as

missões divinas da Encarnação do Filho e do dom do Espírito Santo que manifestam as propriedades das Pessoas divinas” (*Catecismo*, 258). Eles são como as duas mãos do Pai[6] que abraçam os homens de todos os tempos, para levá-los ao seio do Pai. Se Deus está presente em todos os seres enquanto princípio do que existe, com as missões o Filho e o Espírito Santo se fazem presentes de forma nova[7]. A própria Cruz de Cristo manifesta ao homem de todos os tempos o eterno dom que Deus faz de Si mesmo, revelando em sua morte a íntima dinâmica de seu Amor que une as três Pessoas.

Isto significa que o sentido último da realidade, aquilo que todo homem deseja, o que foi buscado pelos filósofos e pelas religiões de todos os tempos, é o mistério do Pai que gera o Filho, no Amor, que é o Espírito Santo. Na Trindade se encontra, assim, o modelo originário da família

humana[8] e a sua vida íntima é a aspiração verdadeira de todo amor humano. Deus quer que todos os homens constituam uma só família, isto é, uma só coisa com Ele mesmo, sendo filhos no Filho. Cada pessoa foi criada à imagem e semelhança da Trindade (cf. *Gn* 1, 27) e foi feita para existir em comunhão com os outros homens, e, sobretudo, com o Pai celestial. Aqui se encontra o fundamento último do valor da vida de cada pessoa humana, independentemente das suas capacidades ou das suas riquezas.

Mas só podemos encontrar o acesso ao Pai em Cristo, Caminho, Verdade e Vida (cf. *Jo* 14, 6). Mediante a graça, os homens podem chegar a ser um só corpo místico na comunhão da Igreja. Através da contemplação da vida de Cristo e através dos sacramentos, temos acesso à própria vida íntima de Deus. Pelo Batismo, somos enxertados na dinâmica de

Amor da família das três Pessoas divinas. Por isso, na vida cristã, trata-se de descobrir que, a partir da existência ordinária, das múltiplas relações que estabelecemos, e da nossa vida familiar, que teve seu modelo perfeito na Sagrada Família de Nazaré, podemos chegar a Deus: “Procura o convívio com as três Pessoas, com Deus Pai, com Deus Filho, com Deus Espírito Santo. E para chegares à Trindade Santíssima, passa por Maria”[9]. Deste modo, pode-se descobrir o sentido da história, como caminho da trindade à Trindade, aprendendo com a “trindade da terra” – Jesus, Maria e José – a levantar o olhar para a Trindade do Céu.

Giulio Maspero

Bibliografia básica

Catecismo da Igreja Católica, 232-267.

Compendio do Catecismo da Igreja Católica, 44-49.

Leituras recomendadas

São Josemaria, Homilia “Humildade”,
Amigos de Deus, 104-109.

J. Ratzinger, *El Dios de los cristianos. Meditaciones*, Ed. Sígueme, Salamanca 2005.

[1] Cf. São Tomás de Aquino, *In Epist. Ad Gal.*, c. 1, lect. 2.

[2] “Deus deixou alguns traços do seu ser trinitário na criação e no Antigo Testamento, mas a intimidade do seu Ser como Trindade Santa constitui um mistério inacessível à razão humana sozinha, e mesmo à fé de Israel, antes da Encarnação do Filho de Deus e do envio do Espírito Santo. Tal mistério foi revelado por Jesus

Cristo e é a fonte de todos os outros mistérios” (*Compêndio*, 45).

[3] “O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Ele é Deus, uno e igual ao Pai e ao Filho. Ele 'procede do Pai' (*Jo* 15, 26), o qual, princípio sem princípio, é a origem de toda a vida trinitária. E procede também do Filho (*Filioque*), pelo dom eterno que o Pai faz de Si ao Filho. Enviado pelo Pai e pelo Filho encarnado, o Espírito Santo conduz a Igreja 'ao conhecimento da Verdade total' (*Jo* 16, 13)” (*Compêndio*, 47).

[4] “A Igreja exprime a sua fé trinitária confessando um só Deus em três Pessoas: Pai e Filho e Espírito Santo. As três Pessoas divinas são um só Deus, porque cada uma delas é idêntica à plenitude da única e indivisível natureza divina. Elas são realmente distintas entre si, pelas relações que as referenciam umas às outras: o Pai gera o Filho, o Filho é

gerado pelo Pai, o Espírito Santo procede do Pai e do Filho” (*Compêndio*, 48).

[5] “Inseparáveis na sua única substância, as Pessoas divinas são inseparáveis também no seu operar: a Trindade tem uma só e mesma operação. Mas no único agir divino, cada Pessoa está presente segundo o modo que lhe é próprio na Trindade” (*Compêndio*, 49).

[6] Cf. Santo Irineu, *Adversus haereses*, IV, 20, 1.

[7] Cf. São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q. 43, a. 1, c. y a. 2, ad. 3.

[8] “O 'Nós' divino constitui o modelo eterno do 'nós' humano; primeiramente daquele 'nós' que está formado pelo homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus” (João Paulo II, *Carta às famílias*, 2-2-1994, 6).

[9] São Josemaria Escrivá, *Forja*, 543.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/tema-5-a-
santissima-trindade/](https://opusdei.org/pt-br/article/tema-5-a-santissima-trindade/) (12/01/2026)